



PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Brasília

A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional

Inspirações, Reflexões e Ações

Autora: Madelon Araújo Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira

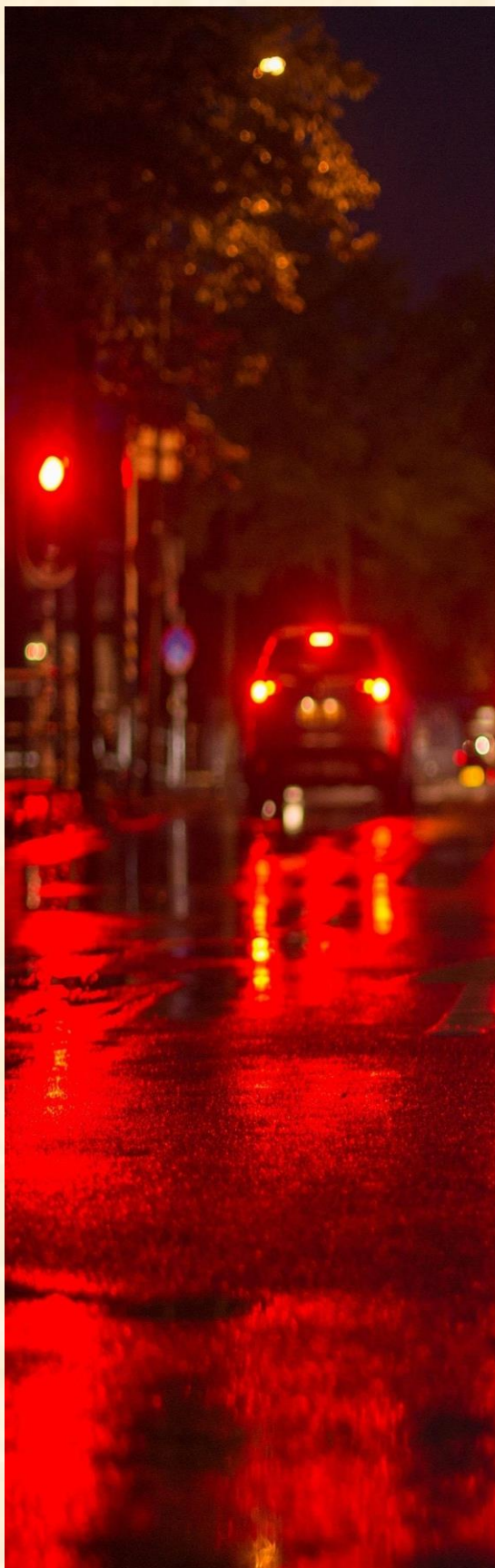
2021



Sumário

- 1. PREFÁCIO 3**
- 2. INTRODUÇÃO 5**
- 3. DISCUTINDO O TEMA AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL 6**
- 4. A CONDIÇÃO HUMANA COMO BASE DE ESTUDO PARA O TRABALHO 9**
- 5. A INCOMPREENSÃO HUMANA COMO POSSIBILIDADE DE ENTENDIMENTO 11**
- 6. A COMPREENSÃO HUMANA COMO CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO DO TRABALHO 14**
- 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESPERANÇA AÇÃO 20**
- 8. REFERÊNCIAS 22**
- 9. FICHA TÉCNICA 23**

1. PREFÁCIO



Sinal Fechado

*Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe
Quanto tempo, pois é
Quanto tempo?*

*Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?*

*Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo?
Pois é, quanto tempo?*

*Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança*

*Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana*

*O sinal
Eu procuro você
Vai abrir, vai abrir
Prometo, não esqueço
Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça
Adeus*

(Composição de Paulinho da Viola)

Olá, meu nome é Madelon Araújo e gostaria de iniciar essa caminhada convidando você para refletir sobre o que a composição de Paulinho da Viola nos desperta.

E você? Como vai? Ou nem tem conseguido parar para pensar sobre isso? Em uma sociedade da pressa, sei que pode parecer um tanto audacioso pedir uma pausa. Mesmo assim, peço licença para te propor esse convite atrevido. O meu intuito é que essa pausa seja prazerosa, inspiradora, mobilizadora de afetos e de ações, capaz de trazer um pouco de esperança para um cotidiano educacional que pode estar estafado de realidades desanimadoras. Não tenho aqui a pretensão de trazer soluções milagrosas, ou indicar uma receita que possa ser eficazmente aplicada, mas sim de dialogar com você. Acredito que muitas das respostas possam ser afloradas por meio dessa troca, por meio das reflexões que espero suscitar ao longo deste livro.

Mas essas reflexões não foram construídas sozinhas e nem poderiam ser feitas dessa forma. Contaram, como fonte basilar de inspiração, com a participação de docentes e servidores técnicos do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília (local onde desenvolvi a minha pesquisa, o nome dos participantes não são divulgados em respeito ao sigilo dos seus dados). Além destes, tomei a liberdade de chamar para essa nossa conversa alguns autores com os quais achei importante dialogar: Paulo Freire, Edgar Morin e Vigotski somam-se a nós neste percurso. A ideia é que eles possam nos oferecer um olhar ampliado sobre o lugar da afetividade no contexto educacional, na medida em que nos instigam a ressignificar conceitos e possibilidades de atuação que são importantes como fonte de inspiração, reflexão e ação. Também pretendo incluir nesse debate alguns artistas, como músicos e poetas que, no decorrer do livro, vão nos iluminar com a sua arte. Afinal, a arte é sempre uma boa companhia, ainda mais nesses tempos de pandemia, não é mesmo? Podemos iniciar nossa caminhada dialogada? Será um prazer poder dar esses passos junto com você!

Madelon Araújo



2. INTRODUÇÃO

Este e-book corresponde ao produto educacional decorrente da pesquisa intitulada: **A afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)**. Esta pesquisa faz parte do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira.

A partir dos dados levantados por meio do referido estudo, foi construído este e-book que tem por objetivo principal propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na educação profissional e tecnológica. Para tanto, foram ouvidos docentes e servidores técnicos do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília. Os estudantes também foram convidados a participar da pesquisa, por meio da aplicação de questionários, porém, não tivemos nenhum retorno. Este fato foi utilizado como importante indicador na análise dos dados e para a construção deste e-book, principalmente considerando o impacto que a pandemia teve na rotina de vida da população, na motivação e na disponibilidade de tempo, ainda mais para participar voluntariamente de uma pesquisa desenvolvida em um contexto de muitas perdas de vidas, isolamento social e acúmulo de obrigações inseridas como parte do cotidiano da casa das pessoas.

Além dessas ponderações, cabe igualmente esclarecer que a escolha por este formato para o produto educacional, deu-se pela necessidade de flexibilidade identificada como característica importante para melhor atender a realidade dos participantes da pesquisa que - em sua maioria - relataram dificuldade em participar de outras atividades que não fizessem parte das suas atribuições diárias. A sobrecarga de trabalho somada à necessidade de cumprimento de tarefas a curto prazo foram os principais fatores apontados como empecilhos a essa participação.

Nesse sentido, a ideia é que este material possa proporcionar momentos de inspiração, reflexão e ação, respeitando o tempo e espaço daqueles que constroem a instituição educativa. Não é atributo deste produto ser um manual de como agir ou se portar, mas sim um instrumento dialogado que possa estimular ideias, respeitando a leitura de mundo de cada leitor e a forma como possa significar as reflexões aqui apresentadas.

Dito isto, convido você a participar desta caminhada dialogada que espero que seja prazerosa, afetiva, reflexiva e propositiva em alguma medida.



3. DISCUTINDO O TEMA AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL



Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (ALVES, 2002).

O educador Rubem Alves traz uma perspectiva interessante sobre o papel dos afetos, ao fazer uma analogia da afetividade com a fome. Aprofundando nas suas entrelinhas, podemos imaginar que a fome gera movimento para a saciedade, é a busca pelo alimento, por tudo aquilo que nos preencha e atenda as nossas necessidades básicas, uma força ação para qualquer ponto de partida. Apoiada nessa concepção, você imagina um cenário em que seria possível neutralizar a influência daquilo que nos afeta? Enquanto profissional que trabalha em um contexto educacional (seja como docente, seja como servidor técnico) você consegue mensurar a dimensão do impacto daquilo que te motiva para a qualidade do seu serviço e para a vida daqueles com quem e para quem trabalha?

Pois bem, lamento imaginar que a velocidade com que o seu trabalho possa ter precisado acontecer tenha dificultado a você pensar sobre como se sente e sobre a importância dos seus sentimentos para a condução de uma instituição educativa, visto que essa instituição é feita essencialmente por pessoas, são as pessoas que lhe dão vida. Nesse sentido, gostaria de chamar a sua atenção para a relevância atribuída à afetividade por Rubem Alves, quando diz que toda a experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. Isso igualmente se estende ao exercício do seu

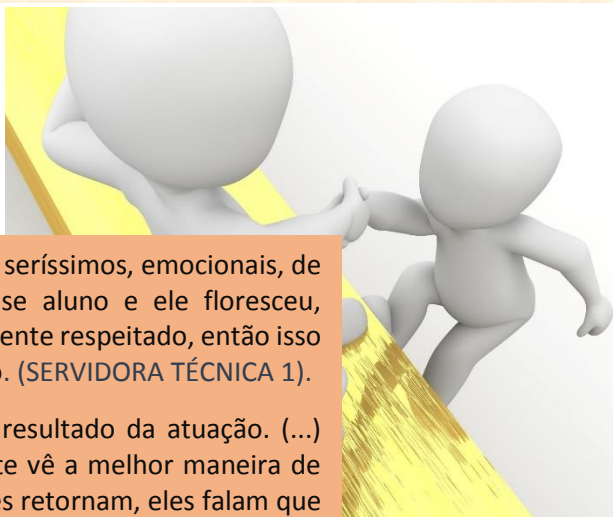
trabalho. Cumpre pontuar aqui que todos aqueles que estão dentro de uma instituição educativa contribuem para o processo de aprendizagem dos seus membros.

Lanço mão dessas considerações na tentativa de trazer para o centro desse debate a sua dimensão humana, os seus sentimentos, os seus anseios como parte estruturante e edificante do sentido de uma instituição educativa. O meu desejo nesse momento é de que você sinta e abrace as suas experiências afetivas como medida essencial para o exercício do seu trabalho.

Caminhando nesse intento e atribuindo sentido semelhante ao de Rubem Alves, Vigotski diz que: “[...] todo conhecimento deve ser antecedido de uma sensação de sede. O momento de emoção e do interesse deve necessariamente servir de ponto de partida a qualquer trabalho educativo” (VIGOTSKI, 2010, p.145). Como pode ser observado, Vigotski remete à ideia de “sede” para revelar a importância das emoções para o trabalho educativo, enquanto Rubem Alves remete à “fome”. Ambos os autores fazem associações a necessidades fundamentais à sobrevivência humana a fim de revelar o peso que aspectos ligados à afetividade assumem para a base de qualquer trabalho educativo.

Morin (2011), por sua vez, refere-se ao mundo da afetividade como o dos sentimentos, da curiosidade, da paixão que são os propulsores da pesquisa filosófica ou científica. Essa visão também estabelece uma conexão da afetividade como combustível imprescindível para ação humana, em especial quando inserida no campo da educação.

Após fomentar essas reflexões, vale a pena pensar: o que move você no exercício do seu trabalho? O que tem dado sentido a sua prática? Para exemplificar, trago algumas das respostas que surgiram a esses questionamentos na minha pesquisa, tanto por docentes, quanto por servidores técnicos:



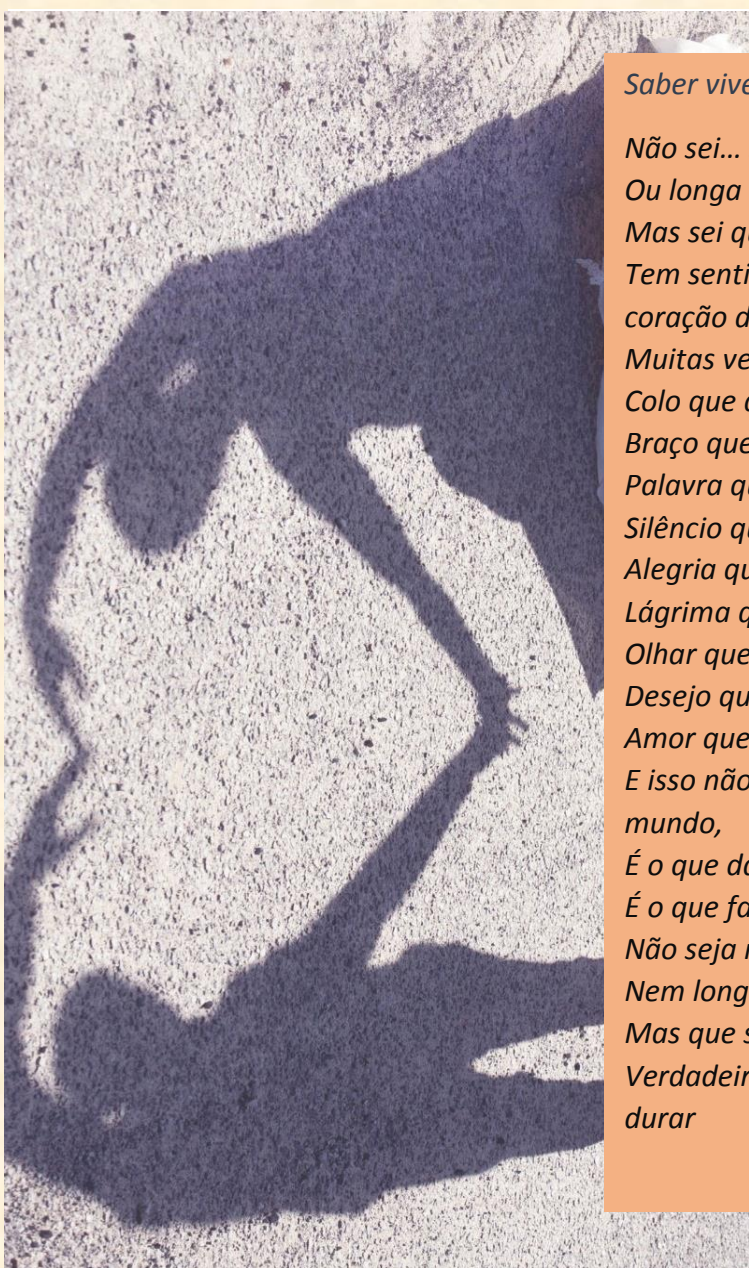
Muitos alunos que chegam com problemas seríssimos, emocionais, de autoestima e a gente olha hoje para esse aluno e ele floresceu, entendeu que tem um lugar no mundo, se sente respeitado, então isso daí para mim é o essencial do meu trabalho. (SERVIDORA TÉCNICA 1).

Com os alunos eu posso e consigo ver o resultado da atuação. (...) Então, eles trazem uma demanda e a gente vê a melhor maneira de resolver. Geralmente a gente consegue, eles retornam, eles falam que está dando certo. Tem muita gente pensando em desistir e continua. (SERVIDORA TÉCNICA 4).

O ensino médio é diferente de criança e é muito diferente de adulto. Sempre gostei muito, acho que muito porque eu vejo que a gente consegue mudar a vida deles. Então, tu tens uma influência no ensino médio e acho que professor tem uma responsabilidade muito grande. (DOCENTE 1, curso de Informática).

É interessante verificar, em todos esses discursos, que o sentido do trabalho está em como cada um percebe que atinge e melhora a condição do outro. Dessa forma, a experiência afetiva como “fome”, como “sede”, como sentido para a condução da própria prática, aparece bem traduzida nesses depoimentos. Esses exemplos também reforçam a importância de se trabalhar a dimensão afetiva na educação como elo que permite ao sujeito iluminar de propósito o seu trabalho. Por se tratar de um contexto educativo, o estudante assume o papel de protagonista dos esforços direcionados pelos demais membros, sendo ele o que melhor reflete a importância e o impacto das ações.

Na tentativa de ilustrar com um pouco de poesia as falas referenciadas, peço licença para chamar Cora Coralina, que retrata por meio dos seus versos o sentido que a vida assume para ela, que também se revela na medida em que se pode fazer a diferença na vida das pessoas:



Saber viver

*Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o
coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.
E isso não é coisa de outro
mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto
durar*

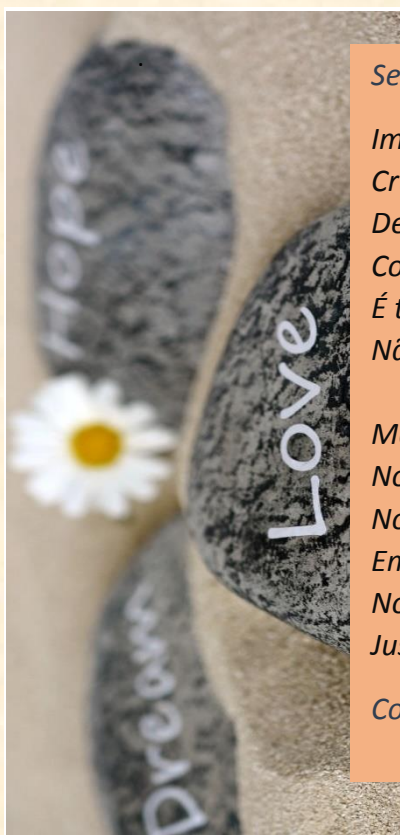
Cora Coralina

Outra discussão necessária em torno da temática afetividade envolvida no contexto educativo foi citada no trecho destacado de Rubem Alves, quando ele diz que: “não confundir afeto com beijinhos e carinhos”. Essa afirmação te gera estranheza? É comum que essa seja uma associação naturalmente feita quando se pensa em aspectos ligados à afetividade, inclusive existe o receio de ser afetivo ligado a essa concepção, principalmente no âmbito da instituição escolar; sem falar da percepção de que a afetividade retira a seriedade com que o processo educativo precisa ser conduzido.

Na intenção de ajudar a desconstruir esses conceitos, cabe chamarmos Paulo Freire para dialogar conosco. Segundo Freire (1996) é incompreensível a educação determinada por uma razão fria que suprime a dimensão dos sentimentos, das emoções, na medida em que é uma prática tipicamente humana. Paulo Freire também questiona a falsa separação radical da seriedade docente e afetividade. Peço aqui permissão para estendermos esse debate para além do trabalho docente, incluindo todos aqueles que fazem a instituição acontecer. Sob essa ótica, Freire igualmente alerta para o compromisso ético do docente (vamos incluir aqui todos que trabalham na instituição educativa), que deve(m) estar vigilante(s) para que questões ligadas à afetividade não atuem de forma a preterir, ou mesmo privilegiar alguns estudantes, conforme as suas inclinações e identificações pessoais.

Inspirada por essa defesa relativa à impossibilidade de retirar o universo dos sentimentos do campo da educação (já que é uma prática tipicamente humana) proponho darmos o próximo passo dessa caminhada debatendo sobre a nossa condição humana.

4. A CONDIÇÃO HUMANA COMO BASE DE ESTUDO PARA O TRABALHO



Sentimentos iguais

*Imaginando as ruas das cidades,
Cruzando nas esquinas suas multidões
De tão diversas nacionalidades,
Com diferentes medos, crenças e ambições.
É tão simples ver nessa imensidão:
Não existe um rosto igual a outro, não.*

*Mas nas sensações de princípio e fim,
No amor e em outros sentimentos, parecemos, sim.
Nós somos mais iguais do que parecemos ser,
Em Nova Iorque ou na caatinga do sertão.
No fundo todos querem nesse mundo ter
Justiça, paz, trabalho, amor e pão*

Composição - Sadao Watanabe, Toquinho

A canção de Toquinho nos convida a pensar sobre as nossas diferenças e semelhanças, enquanto seres humanos diversos que somos. Dando especial destaque para o universo dos sentimentos, Toquinho identifica o quanto podemos ser parecidos quando se trata da dimensão afetiva, apesar de todas as diferenças que nos constroem como seres singulares. Essa canção traz à tona uma reflexão importante que conversa com a teoria de Edgar Morin sobre a complexidade envolvida na nossa condição humana. Segundo Morin (2011) a complexidade humana reside na convivência de condições supostamente opostas, dentre as quais encontra-se a racionalidade e a afetividade. Essas dimensões constituem o ser humano em igualdade de importância, sem anular a existência uma da outra, dada a dialética característica dessa relação. Além disso, o ser humano reflete, ao mesmo tempo, o universo do qual faz parte, bem como as suas características únicas, mas que também são reflexo do todo.

A partir dessa concepção, o ser humano pode apresentar e conviver com sentimentos antagônicos e características contraditórias, mas sem se reduzir a nenhuma delas ou anulá-las entre si. Assim, uma pessoa pode ser alegre e triste, compreensivo e intolerante e não se limitar ou se definir com base nos sentimentos que por hora apresenta. Em síntese, o pensamento complexo parte da percepção de que "compreender o humano é compreender a sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno" (MORIN, 2011, p. 50).

Além do exposto, o autor defende a importância de estudar sobre a nossa condição humana nos espaços educativos e ressalta que esse estudo normalmente é negligenciado nas escolas. Arrisco afirmar que esse estudo também não é explorado na formação das pessoas para o exercício do seu trabalho (independente da sua natureza), mesmo o trato com o outro sendo parte das relações humanas, sejam elas trabalhistas ou não. Então, será que decorre dessa realidade a dificuldade no convívio, tantas vezes relatadas pelos profissionais da educação, no que tange às relações entre os membros institucionais?

Reforçando ainda mais a relevância do estudo sobre a nossa condição humana, Edgar Morin também sinaliza como necessário ensinar a compreensão humana e a lidar com as incertezas no contexto educacional. Aproveito a oportunidade para perguntar: você se lembra de ter estudado sobre isso na sua vida escolar? E quantas vezes você precisou dominar essas questões no exercício do seu trabalho, principalmente pensando nos estudantes, que são o foco da instituição educativa? Ainda mais no Ensino Médio Integrado no qual as situações de vulnerabilidade socioeconômica dos alunos e outras dificuldades de ordem social e pessoal ganham corpo. Frente à essas questões, acho pertinente sublinhar as considerações Edgar Morin, quando diz que:



Não inserimos no programa temas que podem ajudar os jovens, sobretudo quando virarem adultos, a enfrentar os problemas da vida. Distribuímos o conhecimento, mas não dizemos que ele pode ser uma forma de traduzir a realidade e que podemos cair no erro e na ilusão. Não ensinamos a compreensão do outro, que é fundamental nos nossos dias, não ensinamos a incerteza, o que é o ser humano, como se nossa identidade humana não fosse de nenhum interesse. As coisas mais importantes a saber não se ensinam. (MORIN, 2019).

Nesse momento você deve estar se perguntando, mas como exercitar a compreensão humana e saber lidar com as incertezas no contexto educacional?

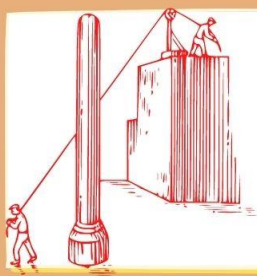
Antes de partir para essa discussão, gostaria de elencar alguns dos principais obstáculos que identifiquei na minha pesquisa à compreensão humana, no âmbito do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, e que igualmente apontam para a necessidade de aprender a lidar com as incertezas. Escolho iniciar por esse caminho, atendendo a sugestão do próprio Morin (2011) que diz que para ensinar a compreensão humana é primeiro necessário entender o que acarreta a incompreensão.

5. A INCOMPREENSÃO HUMANA COMO POSSIBILIDADE DE ENTENDIMENTO

Conforme relatado, apresento a seguir uma breve sistematização das principais causas da incompreensão humana que apareceram como fonte de dados na minha pesquisa. Por meio dessa exemplificação, busco trazer mais concretude para o nosso debate. Claro que essas questões não revelam todas as causas, nem explicam todos os problemas, mas evidenciam gargalos importantes para viabilização da compreensão humana nesse espaço de estudo específico.

Causas da Incompreensão

Dados obtidos na Pesquisa: "A afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)."



Peso dos fatores estruturais

1. Escassez de servidores
2. Sobrecarga de trabalho
3. Dimensão do Campus
4. Cultura social e organizacional que privilegia as relações de poder



Desconhecimento a respeito do trabalho do outro e sobre o outro

A pesquisa apontou que os referidos fatores estruturais dificultam a integração humana, contribuindo para que os membros institucionais não se conheçam e, consequentemente, ignorem a complexidade do trabalho daqueles que não são tão próximos a eles na Instituição.



Expectativa criada além do que o outro consiga ou possa atender

O desconhecimento sobre o outro e sobre a natureza do seu trabalho geram uma expectativa distorcida e centrada nas próprias percepções de como cada indivíduo avalia que o seu colega deve agir no exercício das suas atribuições.



Sensação de desvalorização ou falta de reconhecimento

Diante da frustração percebida ao não conseguir atender as expectativas dos seus colegas de trabalho, apesar dos esforços realizados para cumprir as suas tarefas e atribuições diárias, assim como, de não enxergar um cenário possível que atenda às próprias expectativas avaliadas como essenciais para o melhor andamento das suas ações, o trabalhador passa a ter a sensação de não ser devidamente reconhecido como parte importante para a Instituição.



Desmotivação para o exercício do trabalho e para se conectar com as pessoas

A sensação de falta de reconhecimento sobre a importância do seu trabalho para a Instituição contribui para que os trabalhadores concluam que não importa o que façam, os seus colegas de trabalho não estariam dispostos a colaborar para melhorar as relações. Imbuídos dessa impressão, perdem a motivação para o exercício do seu trabalho, favorecendo a incompreensão humana entre os seus membros.

No intuito de fazer a ponte dos dados apresentados com a teoria de Edgar Morin, gostaria de complementar essa análise citando os principais obstáculos à compreensão humana sinalizados por esse autor, dentre os quais estão a indiferença, o egocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum situar-se no centro do mundo e desconsiderar tudo o que é estranho, distante ou que diverge. Conforme pode ser observado na ilustração, o distanciamento entre as pessoas (seja ele de ordem física ou pela própria natureza da função que ocupa na Instituição) reverbera na dificuldade delas se conhecerem, ocasionando como desdobramento a indiferença que reforça um comportamento que tem como única referência as próprias concepções e expectativas, abrindo margem a suposições que acirram ainda mais o afastamento entre os seus membros institucionais (docentes, servidores técnicos e estudantes). Nessa conjuntura, não é justo, nem benéfico, buscar culpados, mas sim tentar compreender a dinâmica envolvida no trabalho e que pode alimentar a incompreensão nesse espaço.

Cumprir ainda acrescentar como levantamento importante dessa pesquisa, o sofrimento psíquico citado por alguns dos profissionais da educação entrevistados (docentes e servidores técnicos) atrelado à sensação de impotência que caminha na contramão dos anseios desses profissionais que demonstraram consciência e preocupação no que tange ao impacto do seu trabalho para a vida dos estudantes, em especial os do Ensino Médio Integrado. Outro ponto que chamou a atenção foi a presença nos discursos de boa parte dos membros entrevistados (especialmente dos servidores técnicos) de se verem impelidos a fazer somente o que dá, mesmo isso não sendo o seu desejo. Essa alternativa foi mencionada como adotada no intuito de evitar o aumento do sofrimento que já vinham experimentando em outras ocasiões avaliadas como frustradas no ambiente de trabalho.

É natural que essa situação implique no comprometimento da abertura dos indivíduos para o exercício da compreensão humana, principalmente quando procuram sufocar os seus sentimentos como medida de se poupar de maiores sofrimentos. Essa circunstância favorece o isolamento das pessoas e acende o sinal de alerta sobre os riscos de se tentar neutralizar os afetos: "o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente, pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais" (MORIN, 2011, p. 20).

À luz dessas considerações, observa-se que mesmo que a maioria das pessoas estejam imbuídas de propósito, sejam comprometidas com seus ideais, apresentem boas intenções e se preocupem com o impacto das suas ações na vida dos estudantes, tudo isso resta comprometido, quando a dimensão afetiva passa a ser negligenciada no contexto educacional. É necessário lembrar que uma instituição educativa é composta por seres humanos e a nossa condição humana deve ser assunto do mais profundo interesse, como já bem defendido por Edgar Morin. Do contrário, a leitura que passa a ser feita pelos membros institucionais é de que ninguém se importa, quando na verdade as pessoas podem estar isoladas, sentindo-se sozinhas nas suas angústias, cada qual no seu quadrado, perdendo a valiosa oportunidade do encontro, de verdadeiramente se

conhecerem para se perceberem como potenciais parceiros profissionais que pensam e almejam o bem o comum, semelhantes nos seus sentimentos e aspirações.

E como agir nesse cenário? Caso você se sinta incompreendido e se identifique com o exposto, deixo aqui algumas questões para pensar e quem sabe alimentar sua mente e coração de esperanças: você já imaginou quantos iguais a você podem estar isolados e silenciados em outros setores, em outros espaços do local onde você trabalha? Será que aqueles que você entende como indiferentes podem também se sentirem sozinhos e se importarem com os estudantes, mesmo que a forma deles te pareça previamente estranha e incoerente? Apesar de saber que muitas ações dependem da disponibilidade do outro para ocorrerem, você já não conseguiu viabilizar a compreensão humana no exercício do seu trabalho? O que tem permanecido guiando você nas suas atribuições, também tem permitido auxiliar o desenvolvimento das pessoas ao seu redor?

É notória que a sensação de indiferença experimentada por muitos profissionais faz com que educadores comprometidos (entendendo como educadores, não só os docentes, mas todos aqueles que contribuem para o processo educativo) percam a esperança tão necessária como força motriz da educação, como a “sede” nas palavras de Vigotski e a “fome” nas palavras de Rubem Alves.

Ciente disso, o meu compromisso aqui é trazer reflexões que possam apontar em outras direções, acenar com possibilidades e ressignificar conceitos, incluindo a sua leitura sobre a importância do seu trabalho para o processo de humanização da Instituição. Esclarecidas essas questões, por favor, peço que internalize o que fizer sentido para a sua prática. A sua experiência deve ser sempre a base que alicerça o seu percurso de construção.

Em síntese, buscou-se neste tópico, por meio da referida pesquisa, fornecer elementos mais concretos para elucidar as principais causas da incompreensão em um contexto educativo específico como exemplo. Feito isto, convido você para darmos o próximo passo na direção do exercício da compreensão humana. Vamos em frente?

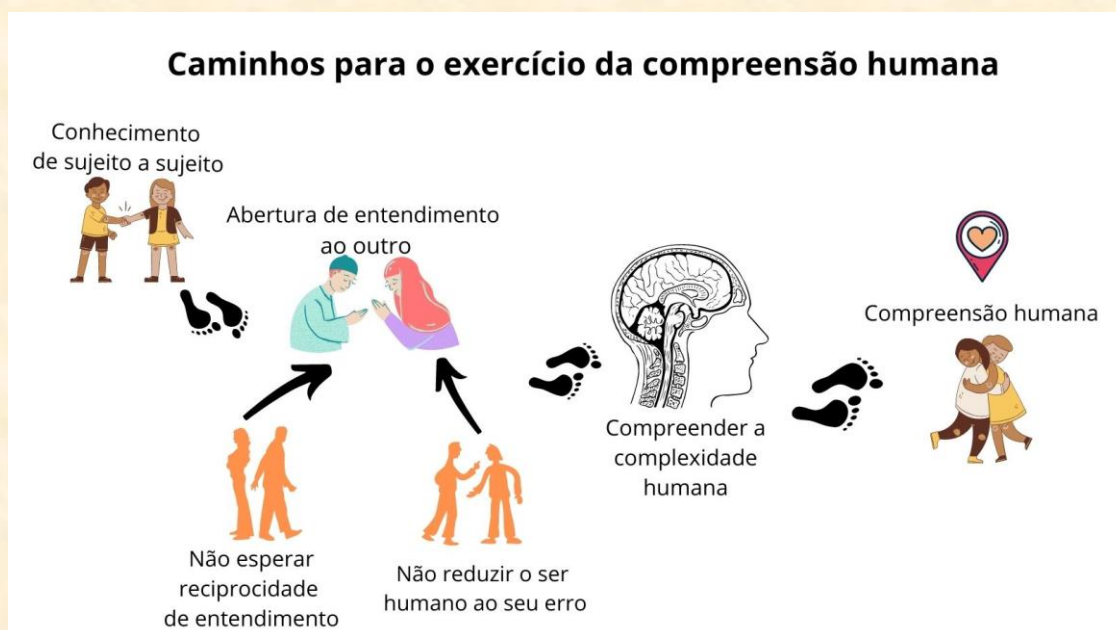
6. A COMPREENSÃO HUMANA COMO CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO DO TRABALHO

Diante do conhecimento das principais causas elencadas que geram a incompreensão entre os membros institucionais no contexto exemplificado, é possível observar como cerne do problema o desconhecimento entre as pessoas que normalmente vem acompanhado de suposições que oferecem uma visão distorcida ou limitada da realidade. Nesse sentido, um elemento afetivo importante que emerge como possibilidade de solução seria a escuta e a viabilização de espaços que possibilitassem aos seus membros se conhecerem mais profundamente. No entanto, nem sempre é possível ou suficiente criar esses espaços. Como no caso desta pesquisa, na qual os entrevistados relataram que (apesar da oferta) a participação em atividades que favoreçam a troca entre os membros restava prejudicada em virtude de aspectos estruturais, como a sobrecarga de trabalho, incluindo a própria dimensão do Campus.

Imaginando alternativas para viabilizar essa participação, uma das entrevistadas acenou como opção a inserção de atividades desta natureza como parte da própria dinâmica de trabalho, pois assim criaria condições para que os seus membros se comprometessem com o seu planejamento e execução. Essa pode mesmo ser uma via, o importante é que faça sentido para aqueles que pretendem torná-la uma prática e que nasça de um desejo coletivo de realização.

Diante dessas informações, é possível ratificar que a construção de caminhos que levem à compreensão humana precisa partir de uma análise aprofundada de cada realidade no que tange às principais causas que levam à incompreensão nesse espaço. Atendido esse critério - como preconizado por Edgar Morin com vistas à educação do futuro – torna-se viável avançar para o próximo passo, no qual o desenvolvimento de aspectos ligados à afetividade oportuniza a compreensão humana.

Na intenção de auxiliar essa construção no âmbito da instituição escolar, Morin (2011) também faz uma ressalva importante quanto ao fato da compreensão humana não ser garantida por meio da comunicação ou da explicação, sendo imprescindível uma abertura e disposição ao entendimento do outro, além de um conhecimento de sujeito a sujeito. Para tanto, aponta alguns cuidados que devem ser adotados em prol do exercício da compreensão humana, como não julgar antecipadamente, não reduzir o ser humano ao seu erro e não esperar reciprocidade de entendimento.



Imbuídos dessa consciência, como seres humanos, não podemos ignorar que cada indivíduo carrega consigo uma diversidade de influências que o fazem agir e ser de determinada maneira. O outro precisa ser visto considerando o universo que habita, que envolve condições biológicas, estruturais, culturais, históricas. Fragmentar o humano é retirar da sua condição, o que de complexo lhe constitui. O julgamento precipitado e a culpabilização individual são algumas das consequências do desconhecimento e simplificação do outro.

Para ilustrar o quanto é complexa a nossa condição humana e necessária a sua compreensão, gostaria de relatar um aspecto frisado por uma das servidoras técnicas entrevistada na pesquisa. No seu discurso, ela ressaltou a sua experiência pessoal com a maternidade e a dificuldade que passou a vivenciar para conseguir conciliar os cuidados que a sua filha exigia e precisava, com os afazeres do seu trabalho, principalmente no período de pandemia. Naquele momento, ela me questionou se eu falaria de maternidade e afetividade e achei pertinente trazer como exemplo, mesmo que brevemente, essa questão levantada, principalmente considerando a representatividade dessa temática que é a realidade de muitas trabalhadoras e estudantes no contexto educacional. Escolhi fazer isso, pois ela me chamou para esse lugar da compreensão humana, não do entendimento e cumprimento do que se sabe sobre normativos e direitos legais que versam sobre o assunto, mas dessa compreensão de sujeito a sujeito que Morin nos fala. No caso em questão, acabava igualmente por envolver a complexidade da nossa condição humana como mulheres. Ela também me perguntou se eu tinha filhos. Na oportunidade, consegui entender que a servidora precisava saber se o meu lugar de fala poderia se conectar com o dela. Coincidentemente, eu estava gestante e devo assumir que (talvez também pela minha própria condição) seu questionamento tenha me afetado de uma forma única e particular. Informação essa que contribui para o nosso debate, na medida em que reforça a importância da afetividade ao revelar que, na prática, não é possível neutralizar o impacto daquilo que nos afeta, mesmo quando estamos fazendo ciência.

Dessa forma, recebi esses questionamentos como um privilégio para abastecer de experiência afetiva a minha pesquisa. Eu pude presenciar, no decorrer da própria entrevista realizada à distância (sem que para isso a servidora necessitasse chamar a minha atenção de fato) o esforço que ela precisou despendar para concluir a nossa conversa (que foi interrompida inúmeras vezes por causa dos cuidados exigidos com a sua filha, mesmo contando, naquele dia em específico, com o auxílio de sua mãe). Eu estava tendo acesso aos bastidores da sua vida, ao seu papel de mãe e de mulher trabalhadora que se mostravam bastante conflitantes, como se não pudessem coexistir no mesmo espaço e na mesma pessoa. Foi possível observar algumas dimensões da complexidade envolvida na sua condição humana, somada aos cuidados também complexos da condição humana da sua filha.

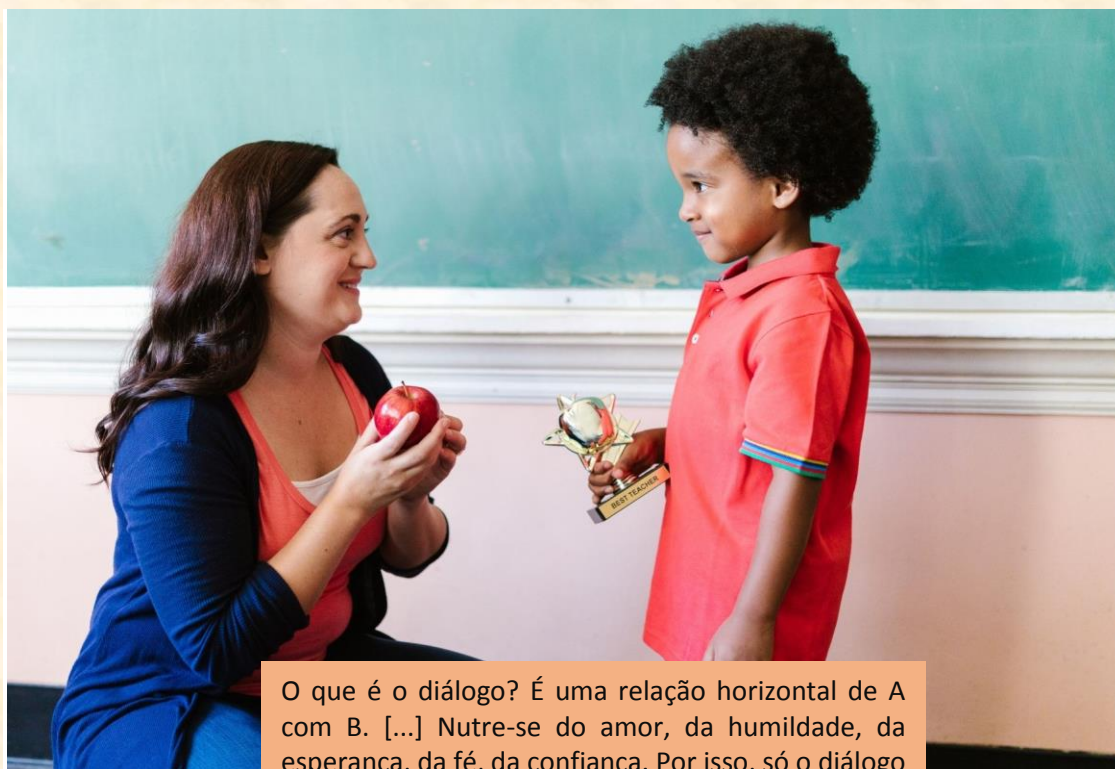
No intuito de melhor traduzir a realidade que a servidora me apresentou, destaco a seguir a sua fala na íntegra para que possamos refletir a respeito de formas de como exercitar a compreensão humana no ambiente de trabalho, ainda mais inserida no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, no qual o trabalho é tido princípio educativo, cuja dimensão afetiva se insere como parte indispensável para a promoção de uma formação humana e integral.

Eu não sei se a sua pesquisa fala sobre maternidade e afetividade, mas as servidoras que são mães estão passando um grande desafio nesse home office. Acho que influencia muito, na questão não só do home office, mas presencialmente, **a nossa cabeça nunca mais fica só no trabalho. [...] de uma forma geral, as pessoas não entendem. Eu costumo falar assim, só quem é mãe entende.** Quem olha de fora acha que é fácil você cuidar do filho, como se fosse um trabalho. Não, na verdade um trabalho, como se fosse uma fase qualquer e explicar isso para as pessoas é muito difícil. Trabalhar e acumular essa função de cuidar da minha filha e do trabalho tem sido muito desafiador, justamente porque sou só eu. (SERVIDORA TÉCNICA 3, Grifo nosso).



É importante observar na sua fala a sensação de incompreensão sentida ao perceber na visão do outro a simplificação da maternidade como um trabalho ou uma fase, sem considerar a intensidade e o nível de dedicação envolvidos na sua função de mãe. Na tentativa de atribuir o real peso que a maternidade tem assumido na sua vida, ela esclarece que a sua cabeça nunca mais fica totalmente no trabalho, além de estar sozinha nos cuidados com a sua filha. Nessa perspectiva, para compreendê-la, torna-se necessário uma abertura real ao que ela nos traz como questão que impacta nas suas atividades profissionais, principalmente se a nossa realidade difere da dela. Isso não quer dizer que é crucial fechar os olhos para os compromissos profissionais que têm prazos para serem cumpridos (como, porventura, possa ser aqui interpretado) mas sim, considerar a realidade por ela apontada, sem desmerecer a relevância que ela imprime; o que perpassa pela forma de tratamento direcionada a ela (seja no olhar, na entonação de voz, na forma como os comentários são realizados) que denotem solidariedade e respeito com a particularidade da sua situação vivida. Assim, no momento de exercitar a escuta é fundamental ter atenção para não julgar a fim de minimizar concepções que possam inviabilizar a real compreensão do outro.

Entendendo a importância da adoção desse caminho, compete chamarmos novamente Paulo Freire para dialogar conosco. Freire (1967) fala justamente do diálogo como ato de amor, por isso um ato de coragem, de compromisso com o outro, com quem a educação não pode se furtar. Nesse sentido, proponho abraçarmos a definição de diálogo estabelecida pelo autor:



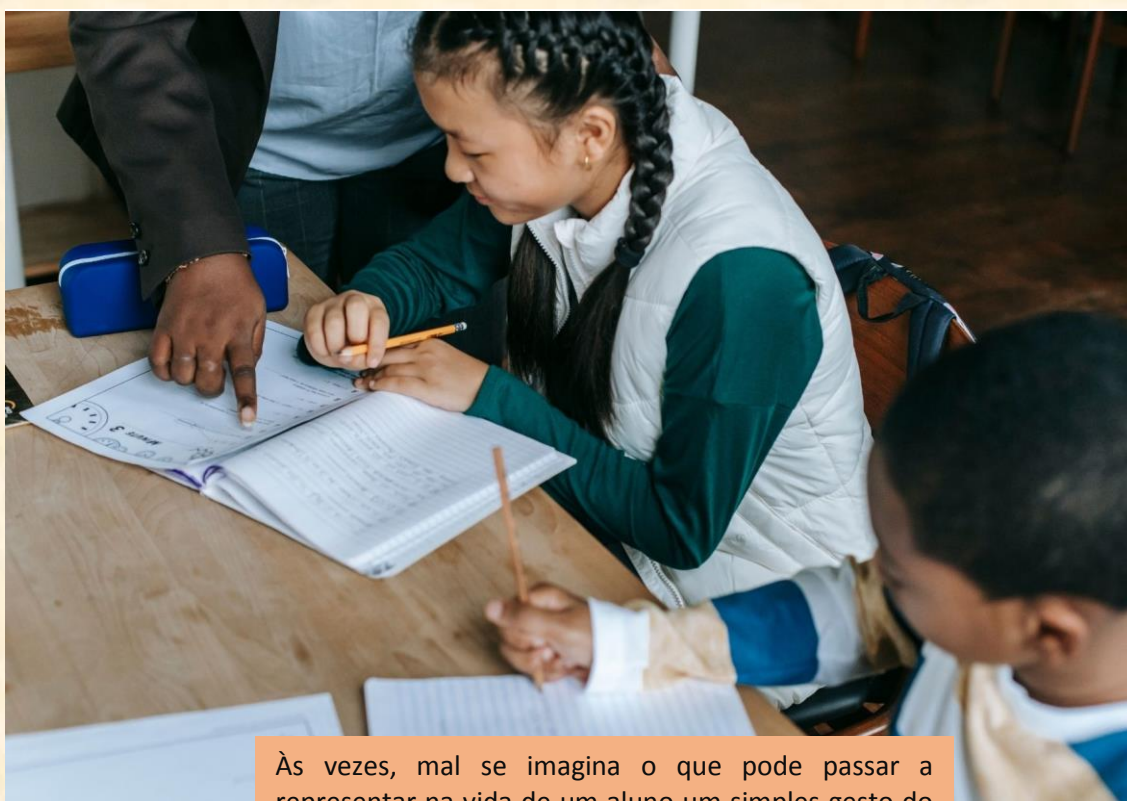
O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p. 107).

Tenho clareza de que não é simples colocar essa postura em ação, pois exige não só consciência, mas intencionalidade e vigilância constantes dos nossos atos, palavras e gestos. Mesmo sendo assim (um processo que demanda tempo e atenção para se tornar um hábito) é fundamental darmos os primeiros passos rumo à compreensão humana, na medida em que é um componente afetivo central para a construção de uma postura ética e cidadã, na qual os indivíduos se percebam em comunhão.

Além disso, é importante destacar que para dialogar - no sentido em que Freire (1967) nos alerta - não implica em concordar com o outro, ou renunciar às nossas convicções, mas sim (exatamente por entender o diálogo como um ato de amor e de respeito) compreender e reconhecer o direito que o outro tem de escolher um caminho

diferente, de também se julgar correto nas suas opções, sem tentar impor a própria forma de pensamento, apenas dialogando sobre ela.

Para concluir este tópico, insisto em reforçar que este e-book não tem a pretensão de ditar normas para serem aplicadas, mas sim gerar um processo reflexivo que possibilite inspirar ideias e ações respeitando a sua leitura de mundo e a realidade em que você trabalha. Lembrando que todo trabalho educativo que se propõe a pensar o ser humano na sua integralidade precisa se comprometer com o que há de humano em cada um e em si mesmo. Nessa direção, sugiro nos pautarmos na relevância dos pequenos gestos como uma alternativa sempre possível à construção de um trabalho favorável às relações humanas, mesmo que a grande estrutura não possa ser necessariamente modificada a contento.



Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. Um gesto aparentemente insignificante pode valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1996, p.19).



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESPERANÇA AÇÃO

Apesar de todos os empecilhos que possam existir para o andamento da sua prática enquanto profissional que atua no contexto educacional, sejam estes de ordem relacional ou estrutural, nada retira a importância do seu fazer e do impacto das suas ações para a vida daqueles com quem e para quem você trabalha. Essa importância deve ser investida de um processo de reflexão sobre a própria prática que precisa sempre levar em consideração a condição humana que nos envolve e que também é inerente ao outro.

Por esse viés, nenhum ser humano se reduz aos seus erros ou a características que supostamente o impeçam de fazer diferente. A nossa condição humana nos permite ser e agir de diversas formas, independente dos rótulos que possam nos ser atribuídos com o intuito de limitá-la. Além disso, lembre-se que mesmo que você considere insuficiente a sua possibilidade de modificar determinada realidade, pequenos gestos podem acarretar impactos de longo alcance. Uma pessoa que é contagiada é capaz de contagiar outras, com uma força viral que, sendo bem canalizada e planejada, gera efeitos importantes, ainda mais em um contexto educativo.

Quero dizer que a afetividade assume papel determinante para a construção de sentido, como elemento guia capaz de tocar pessoas e, conseqüentemente, movimentar mudanças. Sendo assim, essa dimensão deve receber constante atenção, pois é condição para humanização das ações no trabalho e dos seres humanos que, reconhecendo-se como tais, buscam se unir em prol do bem-estar comum.

Compreendo que, às vezes, quereremos abraçar e resolver todas as causas que nos chegam no espaço do trabalho. Isso pode até parecer louvável, mas também é injusto com os limites que a sua atuação provavelmente impõe e a sua condição humana também. No entanto, não conseguir solucionar tudo o que deseja, não te rouba as suas forças de ação, nem reduz a importância do seu trabalho. Assimilando isso, a educação passa a ser, sobretudo, um exercício de respeito, de respeito a si e ao outro nas suas possibilidades de ser e de agir.

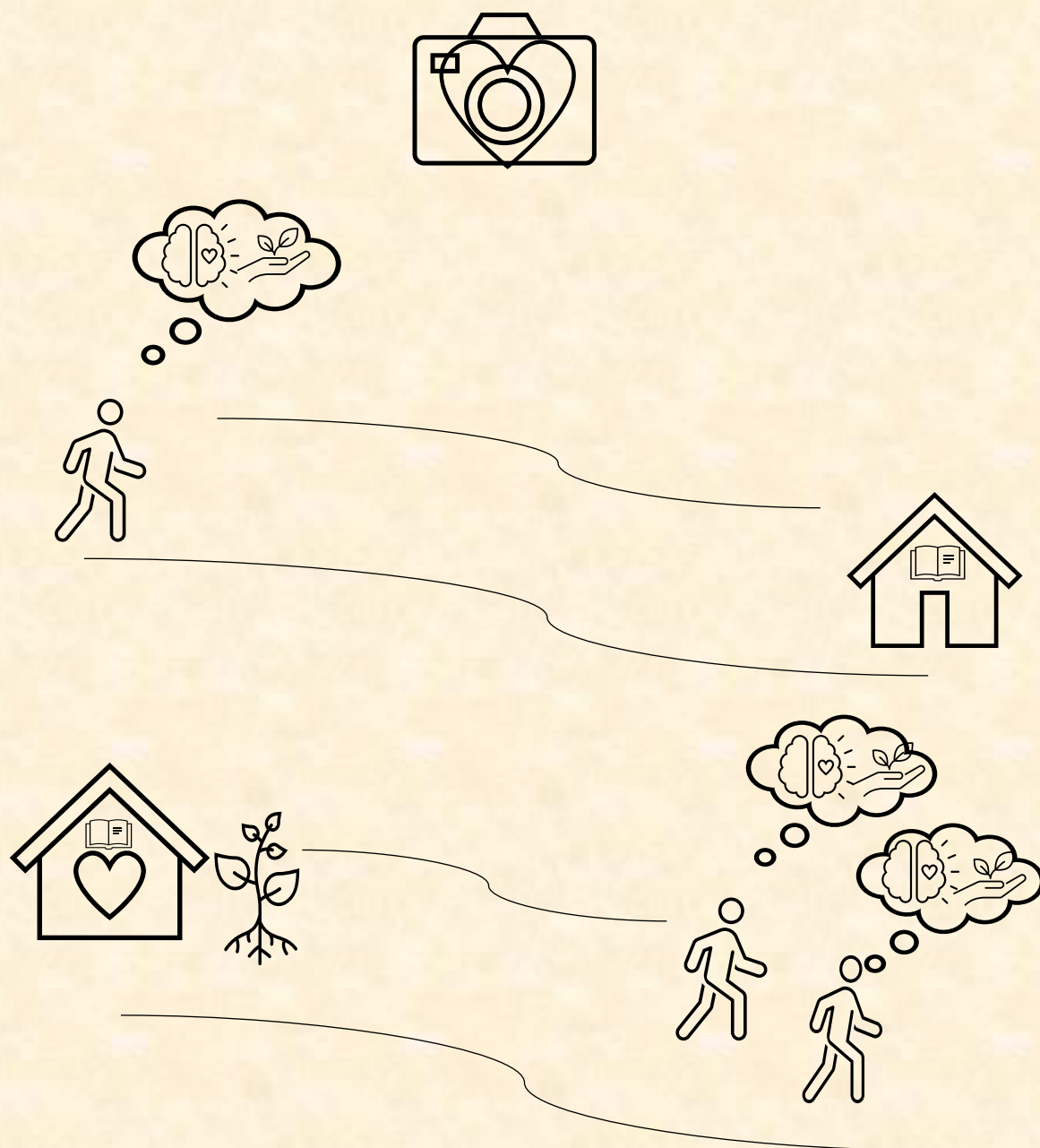
Dito isto, sugiro que internalizemos a esperança como Paulo Freire (1996) interpreta, como verbo, como característica essencialmente humana, fruto do seu inacabamento e imprescindível à existência histórica, pois coloca o ser humano em constante movimento de busca para realizações.

Assim, imbuída desse espírito de deixar a esperança como instrumento de ação, proponho finalizarmos fazendo referência à Vigotski e iniciar o nosso dia de trabalho pensando em como deixar uma marca emocional positiva naqueles para quem e com quem trabalhamos, ou, fazendo referência à Paulo Freire, refletir para planejarmos meios dos nossos pequenos gestos atuarem de forma a permitir avanços nas nossas relações humanas e para a vida das pessoas no contexto do nosso trabalho. Lembrando que essas atitudes não devem prescindir do nosso compromisso com a verdade, com as exigências necessárias para que as pessoas consigam lidar com as incertezas e com a condição humana de cada um. E você? Quais outras medidas você imagina que são possíveis de serem adotadas? Seria começar uma reunião perguntando como todos estão? Ou fazendo com que todo espaço de encontro tenha um momento dedicado à

escuta e à partilha como parte essencial do próprio trabalho? Não sei, deixo aqui apenas sementes que possam inspirar você naquilo que te afeta, naquilo que faz sentido, naquilo que você se dispõe a desempenhar porque entende e sente que é possível.

Espero que essa caminhada tenha conseguido abastecer de esperança e de consciência propositiva e afetiva a sua prática. Despeço-me grata pelo tempo dedicado a essa nossa pausa e pelos nossos passos e afetos.

Madelon Araújo



8. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A arte de produzir fome. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, outubro, 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CORALINA, Cora. **Saber viver**. Disponível em: <<https://poetisarte.com/autores/cora-coralina/saber-viver/>>. Acesso em: 21 jun. 2021

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin. [Entrevista concedida a]: Úrsula Passos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, outubro, 2019. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/seguimos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. [Entrevista concedida a]: Andrea Rangel. **O Globo**, janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

TOQUINHO. **Sentimentos iguais**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/toquinho/87375/>>. Acesso em: 22 jun. 2021

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

VIOLA, Paulinho da. **Sinal fechado**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/paulinho-da-viola/48064/>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

9. FICHA TÉCNICA

Autora: Madelon Araújo Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira

Diagramação: Madelon Araújo Nascimento

Programa de Pós-Graduação: Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Brasília – Campus Brasília.

Software: Word e Canva

Foto Capa: Rosy_Photo. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAEL2Nqmrll>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

Imagem página 2 – Foto por: shy_sol. Licenciado sob domínio público, via Pexels. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADGyKqvnKA>>. Acesso em: 28 de jun. 2021.

Imagem página 3 – Foto por: Skitterphoto. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ46cYpdk>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 6 – Foto por: nadja-golitschek. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAELJ9-t2W8>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 7 – Foto por: Peggy_Marco. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <https://www.canva.com/media/MAEGXmp46_E>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 8 – Foto por: Rainer_Maiores. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ5IDJQTo>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 9 – Foto por: anncapictures. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ5CVNNe8>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Imagem página 11 – Foto por: GiselaFotografie. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ4kKPcrQ>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Imagem página 18 – Foto por: RODNAE Productions. Licenciado sob domínio público, via Pexels. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAEhl8noc84>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Imagem página 19 – Foto por: Katerina_Holmes. Licenciado sob domínio público, via Pexels. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAENvzhDVvo>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Ilustrações páginas 12 e 15 – Ilustrações construídas utilizando figuras da plataforma: https://canva.com/pt_br/. Licenciado sob domínio público.

Figura página 17 – Figura utilizada da plataforma: https://canva.com/pt_br/. Licenciado sob domínio público.

Ícones páginas 4, 5, 19 e 21 – Utilizados ícones da Base de dados da Microsoft Word.